

Literatura e outros signos:

Passos para uma cartografia da criação em escolas públicas

Elisabeth Silva de Almeida Amorim (UNEB)

Resumo:

As aulas de literatura se configuram em espaços transculturais ou de reprodução de obras canonizadas e prescritivas? Essa inquietação nos levou a pesquisar o que os estudantes fazem para apropriarem-se do texto literário, muitas vezes imposto pelas propostas curriculares, e transmutá-lo, numa série de outros signos como forma de resistência à imposição de um formato e ao mesmo tempo como modo de criação de outros mecanismos de multiplicação do sentido literário. O presente artigo tem como finalidade socializar experiência de ressignificação do texto literário, desenvolvida por estudantes de Ensino Médio numa escola pública, do interior da Bahia, bem como, debater modos de abordagem desse processo criativo a partir de uma perspectiva intersemiótica. Em suma, tal política de criação não estaria apontando também para a emergência de novos artistas?

Palavras-chave: literatura-arte, intersemiótica, política da criação, cartografia.

1 Introdução

Inegavelmente as escolas precisam investir numa política cultural inovadora e libertária. Não cabe nessa época mídia em que vivemos rodeados de múltiplas linguagens, um ensino voltado para a memorização e artificialidade. Estudantes pensam, agem, criam e não podem continuar sendo vistos como objetos desse sistema educacional vigente.

Nas escolas públicas com a literatura não é diferente, há uma ritualização de textos a serem trabalhados seguindo cronologicamente uma sequência prescrita, prevalecendo a política da repetição. Isso bem marcado nos livros didáticos de Ensino Médio mesmo em diferentes editoras e autores. Como falsear a literatura e fugir dessa armadilha? Como investir numa política da criação no ambiente escolar?

Passos precisam ser dados para mudança significativa no ambiente escolar, por que não começar pela literatura? Por que não usarmos as aulas como espaços de inventividade e desmonte do signo para revalorização de novos signos? E mais, como combater a fetichismo criado em torno da literatura canônica quando temos em nossos espaços estudantes que transformam o texto literário em arte?

Ao longo da existência o homem cria táticas para melhor desfrutar do ambiente em que vive. Troncos de árvores são transformados em assentos, bancos, sofás, móveis, enfim, instrumentos são criados para atender uma necessidade primária ou secundária. No entanto, o ato de ressignificação das coisas promovidas pelos humanos dependem das políticas de criação investidas no processo, os recursos culturais e humanos disponíveis e o desejo de potencializar a ação.

A cultura é um ponto determinante para que as construções e desconstruções aconteçam. Ela quando amparada pelo viés conservador de uma sociedade, prende-se ao desenvolvimento intelectual ou espiritual, apontando o “aceitável”, “cânone”, “belo” e a “arte”, restando para as respectivas construções opostas a cultura dominante daquele espaço, os rótulos: “errado”,

“inaceitável”, “não-cânone”, “feio” e “anti-arte”.

Pensando numa proposta que valorize a existência da vida, dentro de uma perspectiva da *intersemiótica* (Barthes, 1997) para exaltação de uma cultura que nos liberte das amarras e agruras estruturalistas, mas que vivencie e brinde a existência da *vida como uma obra de arte* (Santos, 2012), na qual cada artista irá colorir conforme a sua vontade potencializada pelas singularidades de suas ações menores, porém políticas, apresentaremos este artigo.

Longe de indicar receitas, no entanto este texto se compromete socializar experiências realizadas por estudantes de Ensino Médio de uma escola pública do interior da Bahia, na qual os textos literários são associados a outros signos, através de *táticas*¹ de inventar a literatura no nosso cotidiano. A literatura transmutada pelos estudantes ganha cor, forma, luz, cheiro e claro, adeptos. Com isso, este texto apresenta-se duas seções, sendo que na primeira discutiremos sob a perspectiva de Deleuze e Guattari(1977) e Foucault (2002) o que uma literatura menor é capaz de fazer dentro de uma literatura maior, em “*A literatura menor modifica a ordem do discurso?*”

Na segunda seção utilizaremos o desmonte literário através do título “*Literatura-arte: da política da criação para uma criação política*” para enfatizar o que os estudantes do Ensino Médio fazem com os textos literários, pois o desejo de potencializar as ações políticas emanam dessas produções. Para tal, exploraremos algumas cenas de romances apropriadas por alunos de Ensino Médio, interpretadas e socializadas através de outros signos.

Em suma, fecharemos em parte as nossas discussões com a conclusão, entendemos que este texto abre um leque de possibilidades de interpretações e inferências a seu respeito. No entanto, vale ressaltar que a nossa proposta vem amparada pela política da criação, inventividade e também do rompimento com os significados transcendentais. Mesmo dando os primeiros passos dessa pesquisa, entendemos o pedido de socorro das escolas públicas. Elas precisam ser ouvidas, aliás elas precisam de leitores, e nós da crítica cultural, faremos essas leituras. Por que não? Na oportunidade, estendemos o convite...

2 A literatura menor modifica a ordem do discurso?

Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior.
DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 27

A citação acima por si mesma já nos dá a resposta almejada que norteará este capítulo: O que é uma literatura menor? Pensar em literatura menor, inevitavelmente, levará a retomar as discussões promovidas por DELEUZE e GUATTARI (1977) ao analisarem as obras labirínticas de Kafka, um judeu checo que consegue escrever em alemão e ter a aceitação mundial pelo caráter revolucionário assumido. Conforme Deleuze e Guattari a literatura menor é impregnada de política e até o simples ato dela *existir é revolucionário*.

Ao apropriarmos de uma obra revolucionária como a de Kafka, por exemplo, precisamos nos preparar para não nos perdermos nas entradas e saídas múltiplas e conectadas, obra menor que opera como *agenciamento coletivo de enunciação*. Se numa literatura menor tudo é político significa dizer não há um acaso de sua existência. Ela por si mesma invade os espaços desterritorializando-os com a sua presença. Metamorfoseando-se a cada investida e escapando-se incontrolavelmente de espaços segregados. Com isso, vejamos

Os talentos não abundam em uma literatura menor(...) esse estado de raridade do

¹ CERTEAU. Michel de. **A invenção do cotidiano**. Arte de fazer. 3 ed. Trad. Epharim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

talento na verdade é benéfico, e permite conceber outra coisa que não uma literatura dos mestres: o que o escritor sozinho diz já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que os outros não estejam de acordo.

DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 27.

Quantas obras literárias menores saem dos guetos? E outras tantas continuam em espaços segregados pelas instâncias de poder que insistem em determinar uma ordem de discurso a ser seguida. Quantas histórias literárias permanecem trancadas nos velhos baús das tradicionais famílias que enxergam a arte de escrever como algo de repressão e policiamento? Quem determinou a ordem dos textos apreciáveis, canônicos e “dignos” de estarem ocupando locais de destaque, talvez não estivesse preparado com a invasão da *massa negra* que se espalhou pelos quatro cantos dos espaços de poder, como as universidades.

Assim, ao apropriarmos de FOUCAULT, 2002 que nos diz pelo viés da instituição *you não tem com temer começar, o discurso está na ordem das leis... A interdição de um discurso revela a ligação com o desejo e o poder*. Transgredindo as ordens das leis chega até nós Lima Barreto, Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Oliveira Silveira e outros e outras virão embalados, não nas brochuras luxuosas e douradas, mas em *Cadernos Negros* que marcam o orgulho da cor da pele.

Artistas negros e negras que não aceitaram a ordem do discurso, provavelmente pessoas que *questionaram a vontade de verdade e reconstituíram o discurso* para apagar o temor. Ainda Foucault diz que os *discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que por vezes se cruzam e por vezes se ignoram ou se excluem*. Quantos diálogos são cruzados e condenados por conta do eco causado? Para que essa literatura menor chegue até nós quantos e quantas artistas tiveram suas artes cassadas? Consequentemente a quantidade de “NÃO” foram ditos contrapondo-se com esse “sim” sussurrado.

Não é por acaso que Foucault define o ensino como espaço da *ritualização de palavras*. As escolas ainda não se prepararam para a diversidade cultural, respeito às diferenças, literaturas não canônicas nas suas bibliotecas e discursos autônomos. Falar torna-se altamente perigoso quando não se compartilha da mesma cartilha. Portas são cerradas numa vã tentativa de silenciar os cantos, no entanto por descuido ou intenção, restam algumas portas entreabertas, com persistência e arrojo, os cantos invadem e são ecoados com louvor, como acontece com os *Cadernos Negros*, há 30 anos que persistem na árdua luta em afirmação da etnia através das próprias escritas consideradas marginais.

Os autores menores estão cada vez mais ganhando as universidades, modificando e complementando as ordens dos discursos. Mostrando uma história que há séculos foi negada. Seja ela escrita pelas mãos negras ou índias não importa, ela não pode ser invisibilizada por mãos mais claras e menos sensíveis. Semelhantes a essas mãos que escrevem, há outras que pintam, desmontam e reescrevem a literatura, mãos artistas de estudantes de Ensino Médio que conforme os estímulos recebidos, mostram que os discursos das escolas públicas podem e devem ser modificados, e o começo poderá ser pela literatura.

O que motivam esses artistas a apropriarem de outras linguagens para associá-las ao texto literário? Há uma tentativa de afirmação de identidade ou resistência a literatura prescrita e de repetição imposta nos programas escolares? Podemos não ter a resposta ainda, mas nossas buscas continuam. E nesta trajetória encontramos uma *literatura-arte: da política da criação para uma criação política*, discutida a seguir.

3 Literatura-arte: da política da criação para uma criação política

Apenas a título de amostragem se registrará como uma obra considerada canônica e universal passa pela técnica do devir. Desmontar uma obra literária é antes de tudo apropriar-se da sua narrativa, sem essa leitura, as táticas caem por terra. A leitura é o ponto básico para o êxito da proposta.

Vejam como o romance *vidas secas* do alagoano Graciliano Ramos nos levou a outros signos. Primeiro, leitura do romance, árdua tarefa, pois há carência de exemplares nas bibliotecas, mas isso não se constitui um problema grave, após o uso das tecnologias, o livro torna-se um produto de consumo mais fácil, para alguns.

Leituras, discussões, resumos, interpretações, bom, de certa forma todos os estudantes envolvidos já sabem do que se trata após essas etapas. Passemos para a segunda: cinema. Ou seja o filme “*Vidas secas*” dirigido por Nelson Pereira dos Santos é também trabalhado em sala de aula. Dessa vez, surge a exploração das imagens, já apropriando-se da semiótica. O que isso significa? Os personagens criados pelo autor do livro correspondem ao do filme? E os seus personagens tem a ver com quais apresentados? Quais os livros que tratam da mesma temática? Quais relações existem entre os personagens? Inicia-se aí o processo de criação, incentivo a leitura e ressignificação da literatura.

E empoderados pelas leituras feitas, alunos respondem em diferentes formas: cartas, bilhetes, anúncios, cartazes, charges, poemas, teatro e outras séries de signos vão surgindo, distanciando e aproximando cada vez mais do signo primeiro: romance.

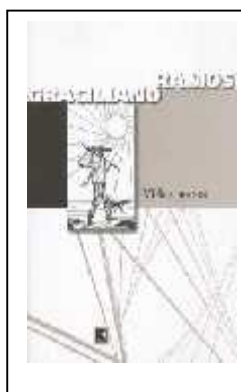


Figura 1

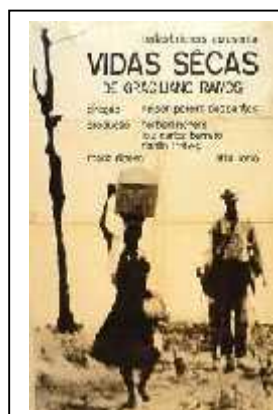


Figura 2

Enquanto a figura 1 apresenta a capa do romance “*Vidas secas*” e a partir da capa já inicia as primeiras leituras, na figura 2 trata-se da capa do DVD, ou seja a adaptação do livro para o cinema. Outras leituras são construídas e desconstruídas também. Nas figuras que se seguem 3 e 4 surgem novos signos do romance em destaque.

EXTRA! EXTRA!
Fabiano quer ser gente!
Falta apenas uma
oportunidade que só você
poderá dá...Lendo
VIDAS SECAS você
saberá como.

Estudantes artistas/ 2009

Figura 3



Figura 4



Literatura no muro/2011

Na figura 3 apresenta um anúncio criativo, tendo como finalidade divulgar o romance lido. Deixando claro, que os artistas conhecem a condição desumana vivenciada pelo personagem “Fabiano” do livro *Vidas secas*. Vale a ressalva, anúncios assim invadem em tamanho grande as

paredes da escola, despertando a curiosidade e a busca pelo livro. Na figura 4 a ressignificação do romance ganha os muros externos do colégio, artistas pintam no muro como eles conseguem visualizar após as leituras e discussões feitas, uma cena para o romance em discussão. E assim, o texto trabalhando inicialmente ganha adesões e abre-se para novos signos e leitores.

Não pensamos em “formar leitores” porque entendemos que essa formação é contínua, porém utilizamos as aulas de literatura como espaço de leitura e criação, conhecimento e desmonte, e fazemos como propõe Santos(2012) *um esvaziamento de significados, sem fetichizar*, porque as coisas não surgem nomeadas, as nomes são arbitrários e fazem parte das construções culturais. Assim, cada vez mais caminhamos para uma literatura mais viva e próxima dos leitores. Literatura construída e reconstruída por nossos alunos, ações menores, às vezes incompreensíveis, questionáveis, mas inegavelmente, políticas e criativas.

3.1 A literatura desmontada como produto cultural das margens

...Não é possível derrubar a escola depredando-a, desrespeitando o profissional da educação... carece de a refundarmos como local de trocas, respeito, de intercâmbios, como um local de uma festa intercultural...
SEIDEL, 2011, p.4

Apropriando-se do discurso de SEIDEL, 2011 sobre a atuação da crítica no âmbito das diferentes instituições, percebe-se o quanto esses espaços precisam ser fortalecidos. O fragmento acima enfatizando o papel destinado as escolas foi proposital, por conta da proposta de literatura agregada a outros signos que estamos discutindo nesta seção, vinda de uma escola pública do interior da Bahia.

Compartilhando dos anseios de Seidel, a escola precisa ser redescoberta, é preciso que estudantes e professores sintam-se respeitados, seguros e orgulhosos de fazerem parte de uma escola. Assim, talvez a escola pública reencontrará a identidade perdida, promovendo em seu seio espaços para trocas, parcerias, conquistas de metas e *de festa intercultural*.

Como o projeto apresentado ao programa Mestrado tem como propósito pesquisar o que os estudantes de Ensino Médio fazem com a literatura, de posse de algumas produções desse grupo de co-pesquisadores nesta última etapa estão sendo socializadas. Assim, algumas táticas de inventar a literatura no nosso cotidiano, a partir da criatividade e muita disposição percorreremos algumas páginas de *Diários secretos*². É isso, ao pensar em um Brasil de 1500, será que os ganhos foram para todos, após o acesso a “Carta de Caminha” eis os alunos assumindo novas identidades.

Diário,

Hoje, 22 de abril de 1500, estava me sentindo muito tranquilo em minha terra. De repente olhei para o mar e vi um grande navio se aproximando cheio de homens vestidos com belas roupas e falando bastante diferente.

Fiquei confuso, pois esses homens querem nos vestir, ensinar a gente a rezar, mudar a nossa cultura, com isso estou me sentindo um estranho em minha própria terra.

Eu que era livre, estou me sentindo preso como um animal enjaulado, sem poder voar neste céu que Tupã nos deu.

Muitas árvores estão sendo arrancadas para fazer objetos, oh! Tupã! Por que esses

² Capítulo do livro *Arte e manha da nossa língua*, lançado pelo Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas, em Iaçú, 2000, numa espécie de comemoração à festa do “Descobrimento do Brasil”, estudantes de Ensino Médio assumiram diferentes identidades para analisar os impactos da colonização do Brasil, e passaram e escrever o que sentiam(índio, negro, branco) numa espécie de Diário Secreto.

homens maus não vão embora?

Deixo esse diário para que todos leiam e vejam que não sou selvagem e agressivo, apenas estou pedindo socorro pela minha cultura que esse hipócritas brancos querem destruir. SALVE-ME!

“Sandra” Texto retirado do livro **Arte e Manha da Nossa Língua**, p . 24 do Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas/ 2000.

No texto do suposto “diário” fica claro que a posição do índio não é nada confortável diante a civilização branca. O sofrimento é latente, a perseguição, a tentativa de apagamento cultural são fatores que estudantes perceberam e transmitiram em seus “relatos indígenas”. Vale ressaltar que os textos partem da leitura do romance *Iracema*, livro de José de Alencar e também a *Carta* de Pero Vaz de Caminha. Diferentes olhares proporcionam outros conceitos formados. E o texto apresentado mostra a consciência de impunidade dos brancos e o apelo religioso, para que “Tupã” faça essa intermediação para uma possível consciência branca.

Por outro lado, vejamos como pessoas “escravizadas” sentem diante da civilização branca européia. Por isso, o texto a seguir também retirado dos “diários secretos” mostram como as nossas aulas de Literatura precisam desse olhar, pois os estudantes escrevem e muito, talvez falte quem os incentivem.

08/09/1544

Olha diário, sou um escravo muito doente e faminto, pertenço a um senhor poderoso e cruel que se chama Juca Bala.

Ele me obriga a trabalhar dia e noite sem parar, com se fosse animal.

Além disso tenho que passar fome, para não correr o risco de perder o horário e ser levado para o tronco e sofrer muitas agressões do capataz que se chama Mendonça.

O Mendonça é um sujeito mau, abusa sexualmente das escravas, até as casadas sofrem esse tipo de abuso na presença dos esposos.

É por isso meu diário que lhe digo, vida de escravo não é brincadeira, é pesadelo.

“Adriano” - Texto retirado do livro **Arte e Manha da Nossa Língua**, p . 29 do Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas, 2000.

De forma panorâmica apresentamos alguns frutos de um trabalho desenvolvido numa escola pública no interior da Bahia. Claro, pensamos sim, ir além, levar cada vez mais esta proposta a outras escolas para trabalharmos em rede e em nome de uma pedagogia que respeite a vida e adote uma política da existência. Assim, construiremos em nossas aulas de literatura uma grande cartografia da criação.

Conclusão

Ao pensar no desmonte remete a BARTHES (1997) ao defender que a literatura não fetichiza saberes, pelo contrário, ela proporciona lugar indireto e precioso para esses saberes. Quais os saberes que as escolas públicas reconhecem? As leituras que os estudantes de Ensino Médio fazem da literatura maior prescrita e arbitrária refletem um posicionamento político? Deixamos para reflexão, afinal estamos apenas no começo das nossas investigações...

Há quem diga que o término de uma produção é fechar a página, no entanto encerrar aqui é abrir o leque para novas possibilidades de leituras. Queremos investir numa literatura menor porque tudo nela é político, quem sabe através de algo menor poderemos atingir a literatura maior.

E as escolas públicas precisam de movimentos revolucionários dentro do seu ambiente, porque o ensinar é garantido, mas a aprendizagem requer tempo, conforme GALLO, 2011. Há uma política isolada por parte destes estudantes, será que estão na luta pela afirmação de identidade ou simplesmente prevalece em suas ações resistência aos modelos prescritos pelo sistema educacional?

Mesmo com apenas alguns passos dados arriscamos afirmar o quanto a crítica cultural se faz

presente nas produções de grupos marginalizados e a riqueza dessa presença para enriquecimento da cultura brasileira. Através de uma literatura-arte estamos aproximando o texto do leitor, se os caminhos trilhados não são os mais convencionais o tempo dirá, porém estamos pesquisando para fortalecimento da linha “Margens da literatura” e o programa Crítica cultural como um todo, talvez, conseguiremos uma cartografia da criação com base no desmonte da literatura que está sendo feito por estudantes de Ensino Médio.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Elisabeth S. A. (org.) **Arte e manha da nossa língua**. Iaçú: Colégio Estadual Lauro Farani Pedreira de Freitas, 2000.

BARTHES, Roland. Aula: **aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França**. Trad. **Leyla Perrone _ Moisés**. São Paulo: Cultrix. **Pronunciada em 7 de Jan/ 1997**.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 3 ed. Trad. Epharim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1977.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GALLO, Silvio. O professor artista: educação de si e revolução molecular. IN: SANTOS, Cosme Batista dos. GARCIA, Paulo Cezar Souza. SEIDEL, Roberto Henrique. (orgs.) **Crítica Cultural e Educação Básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias Del desejo. Trad. Florência Gomez. Petrópolis: Vozes Ltda. 2005.

SANTOS, Osmar Moreira dos. Uma estranha idéia de reparação. In: **Heterotopia: reparações – dramatizando ordens de despejo linguístico, cultural e territorial**. Ano 3, n 4, dez\2011. p. 2

SANTOS, Osmar Moreira dos. **Crítica cultural: o esvaziamento do signo combinado à prática política de esvaziamento da representação no poder**. Salvador: VIII ENECULT, 8 a 10 agosto 2012

SEIDEL, Roberto Henrique. Crítica e mal-estar. In: **Heterotopia: reparações – dramatizando ordens de despejo linguístico, cultural e territorial**. Ano 3, n 4, dez\2011. p. 8

1. **AMORIM**, Elisabeth. Mestranda em Crítica Cultural
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO- CAMPUS II
e-mail mrs.bamorim@yahoo.com.br